UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Arte – Campus São Paulo

AMANDA MOREIRA AVILAR

O QUE TEM DE ESPECIAL?

SÉRIES DE FOTOGRAFIAS DIGITAIS

SÃO PAULO

2023

AMANDA MOREIRA AVILAR

O QUE TEM DE ESPECIAL?

SÉRIES DE FOTOGRAFIAS DIGITAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, sob orientação de Profª Sergio Romagnolo

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

A958q Avilar, Amanda Moreira, 2000-

O que tem de especial? : séries de fotografias digitais / Amanda Moreira Avilar. -- São Paulo, 2023.

75 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Mauro Romagnolo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte e fotografia - Narrativas pessoais. 2. Fotografia - Técnicas digitais. 3. Arte - Exposições. 4. Arte - Reprodução. I. Romagnolo, Sergio Mauro. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 771

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

AMANDA MOREIRA AVILAR

O QUE TEM DE ESPECIAL?

SÉRIES DE FOTOGRAFIAS DIGITAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, sob orientação de Profª Sergio Romagnolo

Dissertação aprovada em: 21/11/2023

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Sergio Mauro Romagnolo. (Orientador) – IA/UNESP

_____

Prof. Carlos Eduardo Riccioppo Freitas– IA/UNESP

RESUMO

Este projeto se estrutura em torno do questionamento sobre a minha produção fotográfica entre os anos de 2019 e 2023. Através de memórias pessoais do período de graduação, apresento técnicas de reprodução, captura de imagem, animação e influências artísticas que chegaram até mim a fim de entender como percebo a fotografia e quais são os critérios de seleção que utilizo no momento de definir quais imagens serão expostas. Como resultado dessa imersão, as fotografias selecionadas serão organizadas de maneira expositiva num site também desenvolvido durante a conclusão do curso.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; narrativa pessoal; técnica; seleção.

ABSTRACT

The project is developed around the questioning about my photography production between the years of 2019 and 2023. Through personal memories from the graduation period, I present reproduction techniques, image capture, animation and artistic influences that came to me in a way to understand how I see photography and what is the selection criteria I use in the moment to choose what pictures will be exposed.
As a result of that immersion, the selected photographs will be organized in an exhibition website, also developed during the course conclusion.

KEYWORDS:photography; personal narrative; technique; selection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – **Tirinha: Poorly Drawn Lines**, 2021. Fonte: @poorlydrawnlines no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/poorlydrawnlines/> Acesso em: 03/06/2023.....10

Figura 2 – **Fotografia: turma de modelagem do vestuário, ETEC Tiquatira/SP**, 2018. Fonte: Acervo pessoal.....15

Figura 3 – **Cianotipia: Amanda Avilar, UNESP/SP, 2019**. Fonte: Acervo pessoal.....18

Figura 4 – **Fotografia: Vivian Maier**, 1954. Fonte: Medium. Disponível em: <https://medium.com/pirata-cultural/o-car%C3%A1ter-do-sil%C3%AAncio-vivian-maier-320efdda2f23> Acesso em: 05/06/2023.....24

Figura 5 – **Fotografia: Regina Vater, "Por um fio", da série Fotopoemação**, 1976. Fonte: Das Artes. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/anna-maria-maiolino/> Acesso em: 22/07/2023.....27

Figura 6 – **Fotografia: Min Hyun-woo**, 2021. Fonte: @minhyunwoo no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMFeAqBJea2/> Acesso em: 05/06/2023.....29

Figura 7 – **Fotografia: Earth, Portland Rose Festival**, 2011. Fonte: @earthsworld no Instagram.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cum0kj9Nfez/?img_index=3> Acesso em: 22/08/2023.....32

Figura 8 – **Fotografia: Levon Biss, UK**, 2023. Fonte: @levonbiss no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ct9b2REsgil/?img_index=1> Acesso em: 01/08/2023.....35

Figura 9 – **Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Roseli/SP**, 2021. Fonte: Acervo pessoal.....41

Figura 10 – **Fotografia: Amanda Avilar, Parque da Água Branca/SP**, 2022. Fonte: Acervo pessoal.....43

Figura 11 – **Fotografia: Ostdrossel, USA**, 2021. Fonte: PetaPixel. Disponível em: < https://petapixel.com/2021/03/04/this-feeder-mounted-camera-catches-striking-closeup-photos-of-birds/ > Acesso em: 16/10/2023.....44

Figura 12 – **Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Botânico/SP**, 2022. Fonte: Acervo pessoal.....45

Figura 13 – **Fotografia: Amanda Avilar, Parque da Água Branca/SP**, 2019. Fonte: Acervo pessoal.....46

Figura 14 – **Fotografia: Amanda Avilar, Parque do Carmo/SP**, 2020. Fonte: Acervo pessoal.....47

Figura 15 – **Fotografia: Amanda Avilar, Incêndio. Jardim Iguatemi/SP**, 2021. Fonte: Acervo pessoal.....50

Figura 16 – **Fotografia: Amanda Avilar, Incêndio. Jardim Iguatemi/SP**, 2021. Fonte: Acervo pessoal.....51

Figura 17 – **Fotografia: Amanda Avilar, Casinhas. 3ª divisão/SP**, 2022. Fonte: Acervo pessoal.....53

Figura 18 – **Print Screen: Amanda Avilar**, 2023. Fonte: Acervo pessoal.....56

Figura 19 – **Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Roseli/SP**, 2023. Fonte: Acervo pessoal.....59

Figura 20 – **Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Roseli/SP**, 2021. Fonte: Acervo pessoal.....60

Figura 21 – **Fotografia: Amanda Avilar, Praia Grande/SP**, 2023. Fonte: Acervo pessoal.....61

Figura 22 – **Fotografia: Amanda Avilar, Praia Grande/SP**, 2023. Fonte: Acervo pessoal.....64

Figura 23 – **Fotografia: Amanda Avilar, Praia Grande/SP**, 2023. Fonte: Acervo pessoal.....65

Figura 24 – **Fotografia: Amanda Avilar, Itaquera/SP**, 2022. Fonte: Acervo pessoal.....66

Figura 25 – **Print Screen: Amanda Avilar**, 2023. Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site Acesso em: 24/10/2023.....70

Figura 26 – **Print Screen: Amanda Avilar**, 2023. Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site Acesso em: 24/10/2023.....70

Figura 27 – **Print Screen: Amanda Avilar**, 2023. Fonte:

https://amandaavilar.wixsite.com/my-site Acesso em: 24/10/2023.....71

Figura 28 – **Print Screen: Amanda Avilar**, 2023. Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-siteFigura Acesso em: 24/10/2023.....71

Figura 29 – **Print Screen: Amanda Avilar**, 2023. Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site Acesso em: 24/10/2023.....72

Figura 30 – **Print Screen: Amanda Avilar**, 2023. Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site Acesso em: 24/10/2023.....72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

UMA BREVE JORNADA FOTOGRÁFICA.....13

SOBRE AS PREFERÊNCIAS ARTÍSTICAS.....21

SOBRE OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO.....36

SELEÇÃO:.....41

O QUE TEM DE ESPECIAL NOS PÁSSAROS?.....41

O QUE TEM DE ESPECIAL NAS LUZES?.....48

O QUE TEM DE ESPECIAL NA PASSAGEM DE TEMPO?.....54

O QUE TEM DE ESPECIAL NA FAMÍLIA?.....60

CRIAÇÃO DO SITE: O QUE TEM DE ESPECIAL?.....69

CONCLUSÃO.....73

REFERÊNCIAS.....74

Figura 1

Tirinha: Poorly Drawn Lines, 2021



Fonte: @poorlydrawnlines no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/poorlydrawnlines/>

INTRODUÇÃO

As produções artísticas de qualquer período tomam rumos opostos, paralelos, até colidem umas com as outras e, nesses casos, perguntas assombrosas – como: “o que é bom? Quando é bom? Os conceitos são infinitamente maleáveis? O que faz um artista?” – costumam iluminar o caminho. Além do contexto histórico, que nos situa sobre o que está acontecendo no mundo desse propositor.

A transformação tecnológica impulsionada por redes sociais como o Instagram (criado em 2010) trouxe consigo, nas palavras de Daniel Silva:

> (um novo meio de) produção e disseminação de fotografias, permitindo que pessoas comuns se tornem fotógrafos amadores instantâneos, e compartilhando, consequentemente, suas perspectivas de forma rápida e acessível. (2023, p.29)

O compartilhamento massivo da vida é normalizado para qualquer um que tenha acesso à Internet e postar torna-se reflexo e meio de expressão daqueles que fazem parte da comunidade online. Porém, é uma partilha de realidade fabricada que prioriza o desvio da atenção de grandes acontecimentos, uma manipulação do cotidiano pelo compartilhamento excessivo de imagens com filtros, recortes e poses ensaiadas.

Apesar dessa manipulação, é nesse meio que muitas pessoas como eu se encontram: um lugar com seus infinitos tutoriais de como fazer qualquer coisa, facilitando edições de imagem e de vídeo, além de que dispositivos portáteis como os smartphones potencializaram essa vida no espaço virtual.

Vinda de uma geração que aprendeu a se expressar através de telas e, principalmente de imagens, trabalho na criação desse espaço virtual que servirá de recipiente para os cliques que faço por onde ando.

Plasticidade. Essa instância do criar se dá no momento de esticar,

provocar tensão, projetar as visões de mundo, angústias e ansiedades e desdobrar os processos para dar forma a essa arte que escolhi e que me causa tantos questionamentos.

A Nikon Coolpix 3000 semiprofissional de bateria fraca que me acompanha pela casa e pelos parques, meus lugares preferidos, capturou momentos que guardo comigo e que agora serão selecionados, editados e expostos na rede mais por uma necessidade de que o trabalho dê um próximo passo. No entanto, para dar forma a esse algo novo refaço os passos das minhas experiências e influências que moldaram o olhar que captou esses registros digitais numa tentativa de me situar nesse pequeno universo particular que se expande. É uma volta pela minha vida com a fotografia junto com os artistas que acompanho (Earth, Min Hyun-woo e Levon Biss), algumas que estudei durante meu período na faculdade de artes visuais (Vivian Maier e Anna Maria Maiolino) e a investigação do processo de seleção do material expositivo.

A pergunta e título do projeto é o ponto de partida para esta imersão que para além de um trabalho investigativo sobre trajetórias pessoais é uma seleção de fotos criteriosa. Esses registros serão organizados num site, também desenvolvido durante a conclusão do curso, para que ocupem um outro espaço que não seja a pasta esquecida do meu computador.

UMA BREVE JORNADA FOTOGRÁFICA

Partindo da premissa de que a curiosidade forma bons observadores, minha família pode afirmar que desde pequena eu coleto folhas, flores e insetos mortos. Costumava levá-los para casa e montar um catálogo com desenhos e descrições sobre os achados do dia.

Os meus pais sempre tiveram forte influência sobre os meus estudos, então na infância participava de concursos de escrita e do jornal da escola; entrei em diferentes escolas técnicas na adolescência, onde cursei o técnico em nutrição e dietética e modelagem do vestuário; e por fim, nesse longo período no qual se estende a vida adulta, me formo em artes visuais na UNESP.

As minhas primeiras experiências com as técnicas de reprodução aconteceram nos ambientes escolares da ETEC Tiquatira e do Instituto de Artes UNESP.

Entre 2017 e 2018 tive aulas de composição, de edição e manipulação de imagem e de criação de coleção de moda na ETEC Tiquatira no curso de modelagem do vestuário (MDV). Um misto de teoria e prática, onde eram assistidas gravações de grandes desfiles de moda para expandir o repertório e entender como os processos funcionavam. Os alunos desenhavam, produziam as próprias

peças de roupa, desfilavam e fotografavam uns aos outros. Nesse período de trocas de vivências, eu usava uma câmera digital Canon emprestada do professor Marcos Rosseton.

No mesmo curso, ainda trabalhei em algumas telas de serigrafia, tendo o primeiro contato com soluções fotossensíveis e reprodução de imagem em tecidos.

Figura 2

Fotografia: turma de modelagem do vestuário, ETEC Tiquatira/SP, 2018



Fonte: Acervo pessoal

No ano de conclusão do técnico em MDV, entrei para o Instituto de Artes, que tinha uma flexibilidade maior quanto ao uso do espaço e gerenciamento de tempo, prazos e horário de aulas. No 3º semestre, a professora Mônica Tinoco mostrou como funcionava a captura de imagem analógica com a *pinhole* (termo em inglês que em tradução livre é “buraco de alfinete”), uma câmera artesanal com o mínimo necessário para a formação e fixação de imagem: é preciso um compartimento escuro sem luz (como uma lata de ervilha) onde é colocado o material fotossensível (o filme ou papel fotográfico), um furo na extremidade oposta do filme e fita isolante para interromper o processo de sensibilização. A imagem é formada a partir da passagem de luz pelo furo, que sensibiliza o filme dentro do compartimento e imprime a imagem. (COSTA, 2008)

Isso me deu um outro panorama sobre como enxergar imagens e formas, já que eu percebia o processo de maneira sintetizada pelas fotos que eu fazia no meu smartphone.

Digitalizei umas cianotipias recentemente e junto a elas haviam anotações das aulas que diziam: “CIANÓTIPO – produto fotossensível. Expor líquido ao sol para gravar”. Recordo das manhãs sensibilizando tecidos e papéis numa sala escura e de tomar sol para esperar as imagens se revelarem.

A cianotipia é uma técnica do século XIX, que captura imagens por meio de processos químicos. Após o contato do suporte (papel ou tecido emulsionados com os químicos) com a luz do sol, é preciso lavar com água para obter a impressão. Sendo baseada nas propriedades fotossensíveis de sais férricos, seu resultado é sempre na cor azul.(SILVA, 2020)

Figura 3

Cianotipia: Amanda Avilar, UNESP/SP, 2019



Fonte: Acervo pessoal

A minha casa está cheia de negativos não revelados e álbuns de família feitos com uma câmera analógica que minha mãe carregava para todos os eventos de família e passeios comigo. Ela levava até uma loja e as fotos demoravam alguns dias para ficarem prontas. Depois, eram organizadas em álbuns e adesivadas com figurinhas. Porém, a câmera que caiu em minhas mãos em 2018 foi uma Nikon Coolpix 3000 semiprofissional que produz registros digitais.

Adquirir a noção mínima de como imagens são produzidas foi uma mudança bem significativa na minha experiência, pois me tornei uma formadora de imagens e, depois que obtive uma câmera própria, adaptei minhas percepções sobre as mídias digitais.

No digital a noção de quantidade fica distorcida, é possível criar pastas com centenas de imagens e ainda assim não fará volume, a de qualidade também, já que as cores das fotografias costumam mudar de acordo com a tela do dispositivo que estão sendo reproduzidas. Foi um meio facilitador, que me permitiu explorar a arte da fotografia com pouco custo e acessibilidade para revisitar e editar as imagens que eu formo no computador. No polo de informática da UNESP, uso o Photoshop CS6, que tem ferramentas bem intuitivas de corte, controle de cor e exposição. No entanto, procuro deixar as configurações da câmera ajustadas

antes de cada sessão fotográfica para que as imagens tenham pouca edição. Na câmera já existe um guia para utilizar de acordo com o ambiente, como: definições de primeiro plano (imagens focadas em um objeto próximo), fogos de artifício (fotografia noturna com forte foco de luz), pôr-do-sol (adapta para o ambiente com luz mais alaranjada), preto e branco (registros com escala de cinza e controle de contraste). Acredito que com essa exploração e conhecimento das ferramentas o meu trabalho tem melhor resultado quando dedico mais tempo na pré-produção do que na pós.

Agora que não preciso mais fotografar para atividades escolares, carrego a câmera para espaços tranquilos para registrar a natureza, seus movimentos orgânicos e sua beleza sublime.

SOBRE AS PREFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Austin Kleon diz que todo trabalho criativo é construído sobre o que veio antes. Quando admitimos que toda produção é um compilado de referências conscientes e inconscientes, paramos de nos preocupar com o que é “bom” e o que é “ruim” e voltamos o pensamento para “o que vale a pena incluir nesse trabalho?” (2012, p. 15)

Considerando isso, reuni fotógrafos que me influenciam direta e indiretamente como artista e apreciadora de arte.

A aura de detetive de Vivian Maier (EUA, 1956-2009) me impressiona. Essa misteriosa fotógrafa trabalhava como babá e ocultava suas atividades artísticas do mundo. Seu trabalho permitia que transitasse pela cidade e passasse tempo fora com as crianças, assim podia observar e registrar o mundo pelo qual era fascinada através de uma pequena câmera.

Porém, Maier nunca expôs as suas fotos. Era uma anônima interessada em outros anônimos, registrava e colecionava esses momentos como se o que fizesse pudesse ser mantido intocável pelo tempo e pelas pessoas, um segredo de longa data, que é contemplado apenas por aquele que o guarda.

Em 2007, John Maloof comprou os negativos em um leilão e descobriu, depois de ler o nome de Maier em um dos envelopes e um obituário

publicado pela família para qual trabalhou, quem era a fotógrafa.

Já que não procurava reconhecimento, penso que sua fotografia estava mais para um momento de respiro e de conexão com a sociedade que a cercava – os temas de suas fotos eram pessoas de fora, trabalhadoras e solitárias como ela –, como se os retratos alheios fossem autorretratos de alguma maneira.

Nas palavras de Lilian Tufvesson:

> Suas fotografias demandam um olhar mais demorado, afetivo e contemplativo, analisa Rubens Fernandes Júnior (2011): "para Vivian, a fotografia é como uma manifestação essencial no processo de construção da memória". Esta memória iconográfica, tanto nas fotografias de rua como nos autorretratos, é construída por um olhar que desafia o entorpecimento da sensibilidade no cotidiano através de elementos de estranhamento diante da cidade, dos outros e de si própria. (2018, p.14)

A figura 4 é um retrato discreto da sociedade em ação, ao mesmo tempo em que é um autorretrato onde a artista se coloca como parte do cenário de sua fotografia.

Existe certa distorção da realidade na composição da foto, pois Maier se coloca no centro e em tamanho maior em relação às pessoas destacadas no ambiente.

Retomando o modo como Maier se comportava em relação a sua produção, encontro-me refazendo os seus passos de guardar um material que é apenas contemplado por mim.

Arquivar os meus trabalhos é mais um movimento inconsciente e talvez por isso eu goste tanto de Vivian Maier, que tem uma fotografia impecável, exploradora e de composição inventiva que foi ocultada do público.

Figura 4

Fotografia: Vivian Maier, 1954



Fonte: Medium. Disponível em: <https://medium.com/pirata-cultural/o-car%C3%A1ter-do-sil%C3%AAncio-vivian-maier-320efdda2f23>

Anna Maria Maiolino (Itália/Brasil, 1942 -) se inspira em poemas autorais e registros de performance para criar a série Fotopoemação. Existem sequências fotográficas como É O Que Sobra (1973/74), na qual a artista simula cortar partes diferentes do corpo como a língua, que se mostram muitos fortes e difíceis de serem vistas, principalmente se lembrarmos de que o Brasil estava enfrentando a Ditadura Militar.

Maiolino fala sobre identidade, sobre o que é feito com esse corpo, a quem pertence e do que ele é privado. Em um texto de Paulo Miyada (2022) sobre a trajetória de 50 anos de produção da artista, escreve:

> ...Trata-se... da vivência de uma sábia contadora de histórias sobre a existência, o cuidado, o desejo, o grito e o gozo. Trata-se do nomadismo circular de uma imigrante com muitas nacionalidades ou com nenhuma.

O seu trabalho “Por um fio” também faz parte da longa série Fotopoemação, onde atua como propositora e modelo. Na figura 5, Maiolino está no centro com um cordão que une sua mãe (à esquerda) e sua filha (à direita), um lembrete da passagem de tempo e celebração da existência e resistência de sua família. O objeto que as conecta é mais do que um laço sanguíneo, é uma partilha de vivências e um compromisso de cuidado com o outro.

A obra nos aproxima dos álbuns familiares, que de maneira simples documentam as incontáveis histórias entre gerações. Foi o que me deu a ideia de expor o meu lado familiar e usar esses laços que me acompanham por uma vida inteira para traduzir sentimentos intensos e abstratos na minha cabeça.

Figura 5

Fotografia: Regina Vater, “Por um fio”, da série Fotopoemação, 1976



Fonte: Das Artes. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/anna-maria-maiolino/>

Depois de uma temporada obcecada por páginas de moda no Instagram, alguns fotógrafos se embrenharam no meu mapa mental de referências como o Min Hyun woo (@minhyunwoo). Em sua maioria, fotografa pessoas em ambientes rodeados por água e plantas, independentemente do projeto que esteja envolvido.

Em um de seus ensaios para a coleção de moda infantil da Zara (figura 6), o cenário era um grupo de crianças montadas em um dinossauro. Sim, o foco é a promoção das peças de roupa, mas o que fica é uma sensação ensolarada de divertimento, já que a primeira foto é feita a partir de um ponto mais distante, mostrando a paisagem como um todo. Na sequência, há o redirecionamento da atenção aos modelos, apresentando de forma habilidosa as ideias da coleção Zara Kids Orange Vibes. Admiro como a fotografia conta histórias.

Seja para promover novas coleções de moda, capas de revista ou projetos pessoais, o trabalho de Hyun-woo é focado em pessoas, suas personalidades e como se conectam com a natureza.

Figura 6

Fotografia: Min Hyun-woo, 2021



Fonte: @minhyunwoo no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMFeAqBJea2/

Earth (@earthsworld) é retratista do Oregon, fotógrafo de feiras. Suas fotografias com pouca edição revelam rostos reais, cansados e com expressões retorcidas por conta do sol forte.

Existe uma simplicidade no modo como captura um momento de existência, onde é perceptível a aflição do observado quando o sol está a pino, a melancolia de um suspiro e o estresse crescente causado pelo evento em área externa (figura 7).

Navegando pelo site do SESI, encontrei um post sobre Bresson com uma frase que me marcou bastante e que faz sentido com o que penso sobre Earth:

> Fotografar é colocar na mesma linha de mira, a cabeça, o olho e o coração. (SESI-SP Editora, 2021)

Um movimento que se assemelha a um tiro, que nunca será refeito, revela o que tem de mais latente e indesejado.

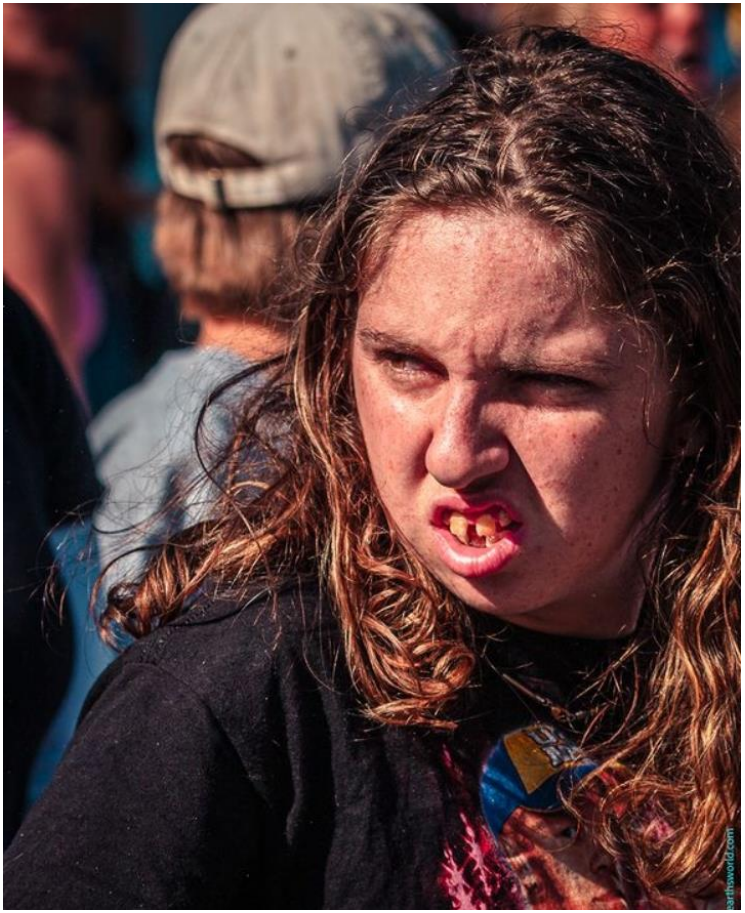
Esse é o encanto da espontaneidade, da personificação de um sentimento que não cabe dentro do indivíduo e transborda em suas expressões faciais.

Em seu site (earthsworld.com), organiza as fotos por evento e tipos de pessoa, como “pessoas de mullet” que visualmente é bem divertido. Também faz um contato direto com outro grupo artístico, que é o de desenhistas. Eles utilizam as fotos para prática de retratos e fundamentos de desenho. Há uma

troca de afetos artísticos quando ele posta os desenhos que fazem das fotos dele e quando as pessoas pegam as fotos para desenhar. Nesse caso, me incluo como apreciadora de arte e também artista que estuda desenhando as fotos de Earth.

Figura 7

Fotografia: Earth, Portland Rose Festival, 2011



Fonte: @earthsworld no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cum0kj9Nfez/?img_index=3>

Os quebra-cabeças e mosaicos montados por Levon Biss (@levonbiss) levam os acervos dos museus naturais a outro nível. Um dos seus últimos trabalhos foi um painel de borboletas conhecidas como “The Whites”, que possuem coloração diversa apesar do nome, do Museu de História Natural da Universidade Oxford (Oxford University Museum of Natural History), no Reino Unido.

Biss recebe a permissão de algumas instituições para realizar seu trabalho de macrofotografia, num processo que leva meses até o momento da foto em si. A composição meticulosa, que já rendeu painéis de casulos de mariposa, de ovos e de sementes de diferentes tipos, exalta as pequenas formas de vida e levanta algumas pautas sobre a preservação ambiental.

A exposição “Extinct & Endangered” (www.extinctandendangered.com), traz cerca de 10.000 imagens individuais feitas com lente microscópica e com detalhes microscópicos em alta definição de insetos que já foram extintos ou que estão em ameaça. O projeto conta com a parceria do Museu Americano de História Natural (American Museum of Natural History). (BISS, 2023)

Ainda que focado na beleza de um mundo pequenino, é como se Biss recontasse as histórias desses animais vistos nos museus,

trazendo a nossa atenção para as miudezas das criaturas que passam diariamente pela nossa vista, mas que não são captadas a olho nu.

Figura 8

Fotografia: Levon Biss, UK, 2023



Fonte: @levonbiss no Instagram. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Ct9b2REsgil/?img_index=1>

SOBRE OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Volto a perguntas como “o que é bom?” e “os conceitos são infinitamente maleáveis?” numa tentativa de estabelecer panoramas e refinar o olhar quando avalio produtos artísticos.

O olhar não é necessariamente técnico. No contexto desse trabalho, o olhar é voltado para o sensível, para a simplicidade do real e do cotidiano; e também para o olhar curioso, da observação de formas e cores novas, onde o encantamento encontra o seu lugar.

Durante os meses de julho e agosto de 2023, entrevistei as artistas: Catarina Ribeiro (@fotografiainclusiva), Gio Santiago (@giosantiagofoto), Jac Braum (@jac.braum), Jaque Ogeda (@jaqueogeda_) e Karine Santos (@karinesantos.fotografia), fotógrafas com diferentes níveis de experiência e nichos de atuação a fim de entender o processo por trás das escolhas das fotos, sejam elas trabalhos comerciais ou pessoais.

“Qual o seu critério para a seleção de fotos?” foi a questão norteadora para o depoimento das artistas, que se corresponderam comigo através do Instagram.

Catarina Ribeiro: ...já vem direto a minha resposta. Hoje em dia eu entendo que sou muito emoção, mas também pé no chão... A

virginiana que sou, talvez, ou toda a história da minha vida tem muita emoção nas fotos. Procuro emoção. Eu tenho que sentir a foto. Aquele click em que um olhar se cruza, um abraço de repente, aquela melhor risada. Ao mesmo tempo em que tem o meu lado técnico que você conhece bem, então presto muita atenção em enquadramento, em jogo de volume, no que aparece na fotografia, se tem um elemento interessante ou não... Vou no sentir, mas eu também vou na risca.

Entrego as fotos por narrativas visuais, tem um jogo entre uma fotografia e outra que me interessa, além de uma pitadinha de preto e branco. Ainda não descobri o porquê faço esse jogo, qual exatamente que escolho p/b, mas tem sempre essa pausa no movimento das cores. Sai lá da alma mesmo essa escolha.

Gio Santiago: ...depende bastante da razão do grupo das fotos. Tem fotos que acho extremamente lindas, mas às vezes não é o que vai ressaltar o “motivo” daquele ensaio. Então, por exemplo: se estou fotografando um dia nas ruas de São Paulo, vida cotidiana e no meio disso tenho algumas fotos de um bebê sorrindo, num instante de muita gargalhada. Fotos lindas, a do bebê está maravilhosa, mas não me liga à “vida cotidiana da cidade”. A gente sabe que sim, o bebê faz parte, o sorriso dele é uma coisa que pode se ver por aí, mas será que essa fotografia não se encaixaria melhor num grupo de

fotos de outro assunto? Como o de “retratos espontâneos”... “movimentos da vida”... Saca o que quero dizer? Então meu critério para seleção de fotos é tentar deixar sempre o essencial da ideia. Depois vejo as escolhidas numa forma panorâmica e faço a leitura delas juntas. É sempre interessante pensar: 1) no que elas querem dizer; 2) no que elas dizem de fato; 3) quais as possíveis dezenas de interpretações que você vai estar deixando em aberto para quem vê o resultado final.

Jac Braum: ...como eu tiro foto analógica, tenho que esperar para ver o resultado. E acho que isso influencia muito na minha escolha porque quando eu tô tirando eu vejo as coisas de uma maneira, eu espero alguma coisa, né. Tenho uma expectativa sobre aquilo que eu enquadrei. Então quando recebo, crio expectativas a respeito de como vai ficar a foto, o que vai sair ali. Então, geralmente, eu escolho a imagem de acordo com o que ela me entregou, se ela foi o mais fiel possível daquilo que eu tava vendo, do que eu queria captar. Geralmente é isso... mas às vezes, a vida nos surpreende. E acho que na fotografia analógica é muito assim, de surpresas também. E isso é incrível.

Muitas vezes eu acho também que decido por aquilo que supera as minhas expectativas. Depende também do filme. Tem uns filmes que tem uma qualidade de captar imagem ou tem uns que estão

vencidos, não dá para saber o que esperar. Isso também traz umas surpresas muito boas e eu acabo gostando também. Num geral, a escolha é muito sobre o que eu quero mostrar, se aquilo ali tem a ver com o que eu vi e com o que eu quero levar pro meu público. Então, se eu vi uma imagem que eu achei que tem um significado, que traz uma mensagem que achei bonita... que eu falo: “nossa, é essa composição aqui que eu quero”. Às vezes é assim também.

Jaque Ogeda: Então meu critério é escolher fotos que o cliente goste, fotos que ficaram focadas, com bom enquadramento, que tenha me agradado esteticamente. Mas não sigo muito um critério a risca. Se a foto tá desfocada mas tá bonita eu escolho ela também.

Karine Santos: O critério que eu utilizo primeiramente são as técnicas, observo se a qualidade da imagem está boa, se não está tremida, desfocada, observo o ângulo para ver se está certo. Segundo, eu faço uma escolha das que eu acho melhor, como a luz do ambiente, a ação capturada, a emoção. E terceiro, depois de editada, vejo quais entram dentro do meu portfólio, se a paleta de cor está uniforme e, por fim, envio para o cliente para que ele me diga se precisa de mais algum ajuste.

As experiências têm suas similaridades, embora sejam individuais e em campos diferentes. As imagens que coleciono de animais e ambientes vêm do maravilhar-se com a natureza, e assim como disse Jac Braum sobre sentir-se surpresa, a escolha desse tipo de fotografia está associada ao que supera as minhas expectativas e à exploração dos lugares por onde passo, quase como um diário e mapa que desvenda os mistérios do mundo. Enquanto as imagens de pessoas são reflexos de melancolia e afeto, como um meio de compreender o que significa família para mim.

.

Quando Catarina expõe que entrega as fotos por narrativas visuais, consigo entender como um ponto em comum com as outras fotógrafas, inclusive comigo, no que diz respeito a contar histórias com imagens.

Levando similaridade, sensibilidade e conceito em consideração, foram escolhidas as séries de fotografias que compõem o projeto. Porém, ainda persistia uma incompletude que deu origem ao título “o que tem de especial?”, que investiga de maneira mais específica os temas retratados nas fotos.

SELEÇÃO

O QUE TEM DE ESPECIAL NOS PÁSSAROS?

Figura 9

Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Roseli/SP, 2021



Fonte: Acervo pessoal

> Eu falo, logo eu sou. Aprendizes vocais, como papagaios e humanos, provavelmente são os únicos que compreendem por inteiro essa verdade. (CHIANG, 2021)

Nesse trecho de O Grande Silêncio, um conto de Ted Chiang, há o monólogo de um papagaio contando sobre sua espécie ameaçada de extinção, suas preocupações quanto indivíduo de um grupo complexo e invisibilizado pelo ser humano, fazendo comparações com o que está acontecendo na cidade de Arecido, em Porto Rico.

Quando li O Grande Silêncio, fiquei presa no quanto olhamos, mas não observamos o mundo e no quanto somos indiferentes às inúmeras espécies que nos rodeiam.

Segundo o dicionário temos que olhar é: 1) Dirigir a vista; 2) Fazer por ver. Observar é: 1) Olhar atentamente para algo; para alguém ou para si próprio; 2) seguir as diversas fases de, acompanhar com interesse técnico ou científico. (PRIBERAM, 2023)

Em minhas sessões de fotos pelos parques de São Paulo pude encontrar vidas imperceptíveis para nós quando não acompanhadas de perto. Foi um exercício de observação e reconhecimento de outras formas de vida que gerou grande afeto e mudança de ponto de vista.

A vida na natureza acontece no movimento, mas também no repouso (figura 10) e é num cochilo ou numa limpeza de penas que me encontro presa nos pássaros para além de suas formas e cores bonitas.

Figura 10

Fotografia: Amanda Avilar, Parque da Água Branca/SP, 2022



Fonte: Acervo pessoal

Figura 11

Fotografia: Ostdrossel, USA, 2021



Fonte: PetaPixel. Disponível em: < https://petapixel.com/2021/03/04/this-feeder-mounted-camera-catches-striking-closeup-photos-of-birds/ >

Esse não é necessariamente um trabalho artístico (figura 11), mas uma tendência dos influenciadores e amantes de pássaros da internet que montam um alimentador combinado com uma câmera para registrar quantas espécies passam pelos seus quintais diariamente. Não é algo que incorporei ativamente ao meu reportório, porém me faz lembrar a vez que participei de um evento de observação de pássaros chamado Passarinhada, promovido pelo grupo SAVE Brasil em 2022. Deram-nos um guia com as 133 espécies que poderíamos encontrar e um binóculo. O trabalho é paciente e silencioso, assim como o que desenvolvo na minha fotografia.

Figura 12

Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Botânico/SP, 2022



Fonte: Acervo pessoal

Figura 13

Fotografia: Amanda Avilar, Parque da Água Branca/SP, 2019



Fonte: Acervo pessoal

Figura 14

Fotografia: Amanda Avilar, Parque do Carmo/SP, 2020



Fonte: Acervo pessoal

O QUE TEM DE ESPECIAL NAS LUZES?

A exploração de ferramentas concede ao artista momentos surpreendentes, como na primeira vez em que testei a velocidade do obturador.

> É através da velocidade do obturador que se estabelece o tempo de exposição da luz que irá incidir no sensor da câmera fotográfica. Quanto mais rápido for o disparo, menos exposição de luz, quanto mais lento for o disparo maior é a exposição da luz no sensor da câmera fotográfica. (ROZZO, 2015).

Assim, essa função proporciona não só a estabilização e o congelamento de uma imagem a fim de evitar tremidos e borrões, mas também possibilita efeitos de movimento quando a velocidade do obturador está reduzida, sendo este último o recurso utilizado nesta série.

A intenção de “rastros” na imagem é facilitada quando o ambiente é noturno, de pouca luminosidade, e em contraste com um objeto brilhante muitas vezes em movimento, como no caso da Figura 16, onde as labaredas se movimentam de maneira orgânica e são acentuadas pelo efeito da câmera, dando à imagem estática a sensação de deslocamento.

Dentro desse universo de exposição de luz também tem o efeito da Figura 17, que posso chamar de Light Painting, onde há a manipulação da luz na imagem para a formação de um desenho. Os

pontos brilhantes inicialmente faziam parte da iluminação das moradinhas do bairro vizinho ao meu, porém para apresentar uma outra narrativa visual, a câmera foi movimentada no momento da foto, distorcendo a luminosidade dessas lâmpadas para que elas fossem reimaginadas como estrelas. Assim, as formas reais deformam-se, possibilitando um ponto de vista mais surreal e poético do objeto fotografado.

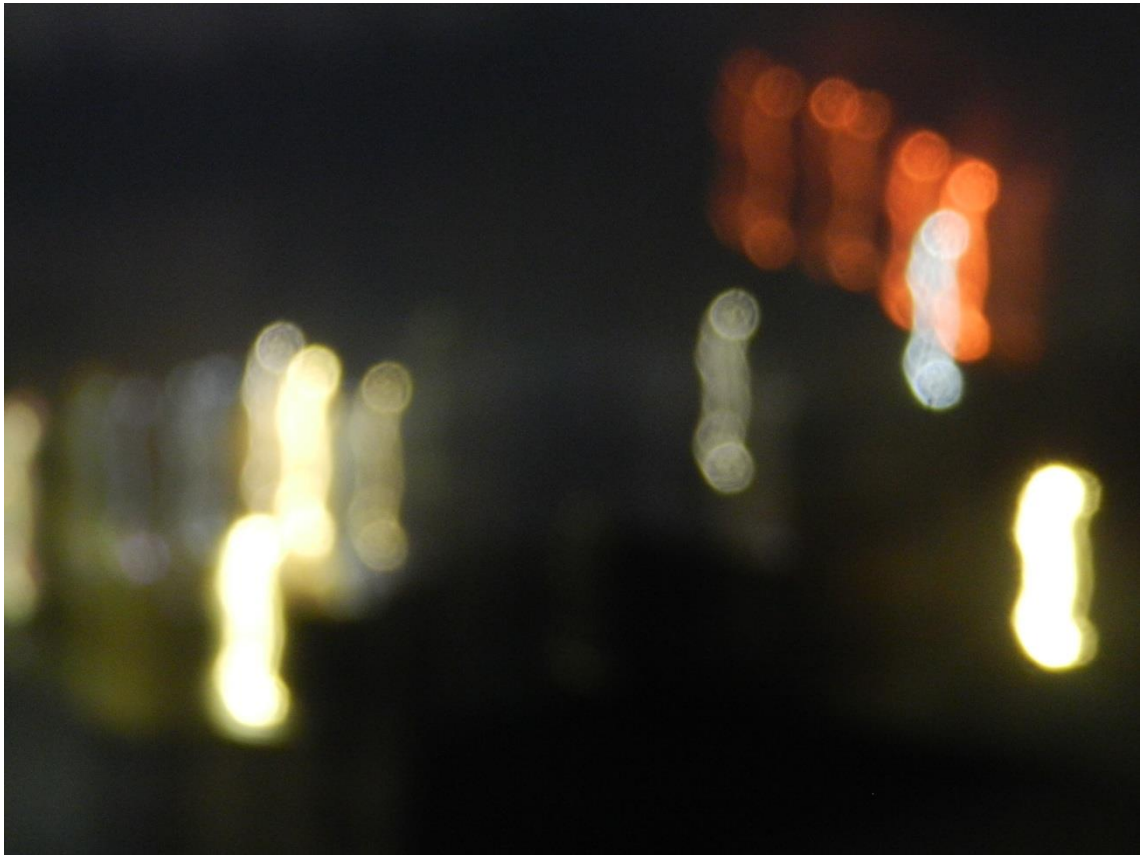
É um jogo simples de brincar com as luzes de objetos que estão estáticos.

Desse modo, registro histórias cruas e dolorosas no instante anterior à produção da foto e a transformo num momento de sonho, atenuado e belo para mim. É como recontar essa vivência de uma maneira que faça sentido nesse universo que crio diariamente.

Por exemplo, as figuras 15 e 16 fazem parte de um pequeno incêndio florestal no meu bairro. A aflição da impotência me corroía naquela tarde e não passava. Ainda assim, os tons flamejantes me despertavam interesse. Pareceu mais fácil lidar com a situação quando o que eu via não passava de manchas e cores bonitas.

Figura 15

Fotografia: Amanda Avilar, Incêndio. Jardim Iguatemi/SP, 2021



Fonte: Acervo pessoal

Figura 16

Fotografia: Amanda Avilar, Incêndio. Jardim Iguatemi/SP, 2021



Fonte: Acervo pessoal

As Casinhas (figura 17) ficam num bairro próximo ao meu e à noite posso ver as luzes de todas as moradias, como estrelas baixas.

Mais uma vez, é uma construção ficcional da minha realidade periférica. Não é como se eu quisesse transformar tudo em fantasia, porém sempre tive uma tendência em criar histórias.

Sinto-me atraída por essas luzes assim como as mariposas se atraem pela lua, para manterem o senso de direção. É uma conexão magnética e intuitiva.

Figura 17

Fotografia: Amanda Avilar, Casinhas. 3ª divisão/SP, 2022



Fonte: Acervo pessoal

O QUE TEM DE ESPECIAL NA PASSAGEM DE TEMPO?

A trágica queda do crisântemo será transformada em um vídeo curto, consumido em segundos, quase que invalidando sua existência pela rapidez de sua passagem.

A ideia vem do meu hábito de consumo de vídeos rápidos (estilo Reels do Instagram), principalmente de metamorfose de mariposas.

Como são animais com hábitos noturnos, as pessoas fazem esse registro com lagartas que pegam em ambientes externos e levam para casa, onde precisam alimentá-las para que possam acompanhar seu desenvolvimento. O ciclo de vida começa com os ovos, passa pela fase larval, as lagarta produzem fios de seda para construírem seus casulos e quando estão prontas, elas rompem o invólucro para libertarem suas asas, que saem úmidas e amassadas. Elas esperam as asas esticarem – o que demora minutos – e secarem antes de alçarem voo à procura de alimento e parceiros para acasalar. (Instituto Butantan, 2021)

A gravação da câmera é ininterrupta durante a metamorfose e se encerra quando os insetos vão embora. O longo registro é acelerado uma centena de vezes para que seja encaixado num molde que prenda a nossa atenção por um breve tempo de entretenimento.

Para que um trabalho similar acontecesse, eu precisaria de um registro em período integral de um objeto que não havia escolhido ainda e como eu não tinha uma câmera que gravasse por tanto tempo, optei por fotografar. Teve uma tentativa com o crescimento das orquídeas da minha mãe em 2022, porém a inconstância da frequência fez com que eu tivesse poucas fotografias ao término de seu ciclo, resultando num time-lapse quebrado. Então como dar fluidez ao trabalho? Como não pular etapas? Como acompanhar o movimento?

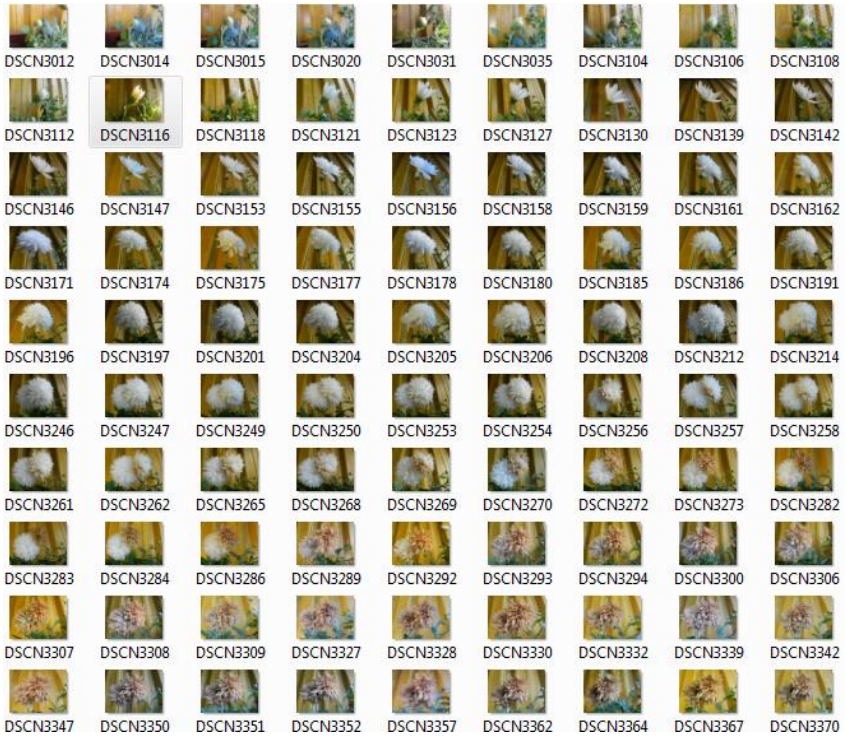
O zootrópio apareceu nos Estados Unidos em 1867. Tiras de papel com sequências de desenhos eram inseridas num cilindro com frestas. Com atenção às frestas, o observador girava o cilindro e, ao fazer isso, dava a sensação de que os desenhos estavam se movendo. E ainda o flip book em 1868, um bloco de papel com desenhos de movimentos seguidos. Nesse caso, o bloco era segurado por uma das bordas e folheado rapidamente com a outra mão para que os desenhos se mexessem. (WILLIAMS, 2016)

Essa ilusão de ação contínua que gera a animação ainda é um desafio que preciso entender de modo a registrar mais organicamente as plantas daqui de casa. Porém algo da animação que internalizei foi que é necessário diminuir os intervalos entre as imagens, então quanto mais fotografias dentro de um segundo mais fluída a transição de

um estágio de desenvolvimento para o outro.

Figura 18

Print Screen: Amanda Avilar, 2023



Fonte: Acervo pessoal

Em 2023, iniciei uma nova tentativa com o crisântemo. Pertence a família botânica Asteraceae juntamente com o girassol e a margarida, de grande potencial ornamental e comumente utilizado em arranjos florais. Essa inflorescência (conjunto de flores) é chamada de capítulo e, em geral, possui dois tipos de flores: as liguladas (parte externa) e as tubulosas (parte central). As pequenas flores agrupadas no centro normalmente são amarelas, enquanto as exteriores possuem uma variedade de cores – por exemplo, meu crisântemo possui a coloração branca. (BARBOSA, 2019, p.9)

A documentação da vida e da morte das flores vai para além de um entretenimento quando me recorda do horário, da claridade, das pragas do quintal, do meu estado de humor, conta a história de onde moro e de como cuido. Percebo que a distância fabricada por mim entre vivências e fotografias é apenas uma película frágil, pois o modo como enxergo o mundo através da câmera é bem pessoal.

Acompanhar time-lapses, a passagem da tarde para a noite, o movimento da flora é como saborear os mistérios das formas de vida e afirmar minha paixão pelo o que é vivo. No registro diário, a atenção é voltada para os detalhes, mudanças sutis que, quando agrupadas, traçam a trajetória de uma vida inteira.

Entre os meses de abril e maio, produzi 124 fotos do ciclo de vida do crisântemo branco (figura 18). Como resultado do projeto, essas fotografias sequenciais dão forma a um vídeo curto de time-lapse quando passadas rapidamente com o auxílio de um programa de edição de vídeo.

Figura 19

Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Roseli/SP, 2023



Fonte: Acervo pessoal

Figura 20

Fotografia: Amanda Avilar, Jardim Roseli/SP, 2021



Fonte: Acervo pessoal

O QUE TEM DE ESPECIAL NA FAMÍLIA?

Quando Ana Farache diz que “contemplar é ver o que está latente e intocável no contemplado” (2013, p. 24), me lembra da fotografia da minha avó (figura 21) em uma de nossas viagens à praia. Era a manhã do primeiro dia do ano, longe dos problemas de casa, das pessoas do bairro, do barulho familiar do extremo leste de São Paulo. Ela toma seu café com leite depois que a família já deixou a mesa e parece tão distante que nem no litoral está.

Figura 21

Fotografia: Amanda Avilar, Praia Grande/SP, 2023



Fonte: Acervo pessoal

A urgência de movimento nos obriga a incluir esses intervalos na rotina caótica dos indivíduos de salário curto. Então planejamos essas viagens de fim de ano para viver numa fantasia temporária, como um longo final de semana marcado por sol quente, água salgada e futebol e que a volta para casa é como a tarde de domingo que se arrasta e perde a cor.

Assim como queremos que o tempo congele para que nos afundemos no abraço de uma memória feliz (figura 22 e 23, minha tia e meu primo jogando futebol na areia), queremos que passe para que novos confortos cheguem, uma realidade com menos peso e mais parecida com a fantasia que fabricamos anualmente.

A estética do preto e branco encaixa bem com o que sinto olhando as fotos dessa viagem, porém a escolha parte também de uma dificuldade em trabalhar em diferentes ambientes e a falta de conhecimentos específicos sobre as configurações manuais da câmera.

Pensando em limitações, me vem em mente a videoarte de Letícia Parente, Marca Registrada (1974). A artista se coloca como matéria de intervenção, costurando no próprio pé a frase “made in Brazil”. Um ato simples e contínuo como o passar a linha na agulha e remendar se torna de desconforto extremo quando o suporte é a própria pessoa. Tem

todo o contexto da Ditadura Militar no Brasil e em 1972 surge a TV colorida, transmitida pela Rede Globo. A ficção está em alta na TV, nas novelas e nos noticiários. Trabalhos de videoarte como os de Letícia Parente se colocam em contraste a isso. Não existem recursos de edição elaborados, é preto e branco, praticamente sem cortes e as falhas são incorporadas à narrativa. (FREIRE, 2005)

Assim, não existem trabalhos sem fissuras e a potência do resultado pode vir dessa insuficiência técnica, de assunto, de sentido, do lugar de dúvida, desse espaço e desse tempo onde eu não sei como prosseguir.

Figura 22

Fotografia: Amanda Avilar, Praia Grande/SP, 2023



Fonte: Acervo pessoal

Figura 23

Fotografia: Amanda Avilar, Praia Grande/SP, 2023



Fonte: Acervo pessoal

Figura 24

Fotografia: Amanda Avilar, Itaquera/SP, 2022



Fonte: Acervo pessoal

A foto da criança segurando as folhas não é da minha família (figura 24). Nesse dia, assistimos uma peça de teatro ao ar livre no Parque do Carmo e um grupo de pessoas passou por onde eu estava sentada. Eles a cercavam, como que protegendo seu tesouro tão precioso e organizado em suas duas mãos. Foi breve, simples e de tamanha espontaneidade que foi difícil escolher entre registrar com a câmera ou observar a ação acontecendo. Nas palavras de Plotino (citado por Farache, 2013, p.25):

> [...] a alma é a contemplante, e ela produz o que lhe é posterior, que contempla de um modo mais externo e não é como o que está antes dela: e a contemplação produz contemplação. Não tem limites a contemplação nem o objeto de contemplação.

Nesse contexto, não há intenção do objeto de contemplação em ser fotografado, ele não imagina que está sendo assistido e não se adapta ao observador e é ali que me insiro como uma mosquinha. Talvez ele perceba que eu esteja ali e isso mudará sua postura, será um registro completamente diferente, consciente e direcionado para a câmera que o capta. Em ambos os casos, há ganhos no que diz respeito ao registro, apenas sua intencionalidade que muda, já que o fotografado participa ativamente do momento do registro, escolhendo seus próximos movimentos com planejamento: uma pose elaborada ou uma fuga da lente.

Nas fotografias de família o que se destaca é o ato de viver, que para mim é bastante abstrato. A abstração me habita, assim como habita as fotos. Mas afinal, não é necessário entender para contemplar.

CRIAÇÃO DO SITE: O QUE TEM DE ESPECIAL?

Após todo o questionamento sobre o que tem de especial na minha fotografia compilei algumas séries exploradas no projeto (O que tem de especial nos pássaros?; O que tem de especial nas luzes?; O que tem de especial na passagem de tempo? e O que tem de especial na família?) num site gratuito na plataforma Wix. De maneira bem simples, a plataforma permite que o usuário organize imagens em álbuns, legende e coloque capas para divulgação.

Como dito no início do trabalho, vim de uma geração que aprendeu a se expressar através de telas, assim a criação desse espaço virtual (que ainda está em construção) é o recipiente onde despejo as minhas percepções, onde também posso refletir sobre o que vejo.

Vejo um mundo que está num rumo contrário às excessividades, que exige pausa e seu próprio tempo para se revelarem. Registros que não se preocupam com olhares e que quase se recusam a serem tecnicamente bons.

Na abertura do site (figura 25) tem um registro em vídeo de uma chuva forte na laje da minha casa, é um convite para esse pequeno e singelo universo. A figura 26 conta brevemente sobre quem fotografa e a partir daí é possível explorar os álbuns de fotos separados por tema (figuras 27, 28, 29, 30) e de acordo com os critérios estabelecidos

durante o desenvolvimento do trabalho de conclusão.

Figura 25

Print Screen: Amanda Avilar, 2023



Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site

Figura 26

Print Screen: Amanda Avilar, 2023



Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site

Figura 27

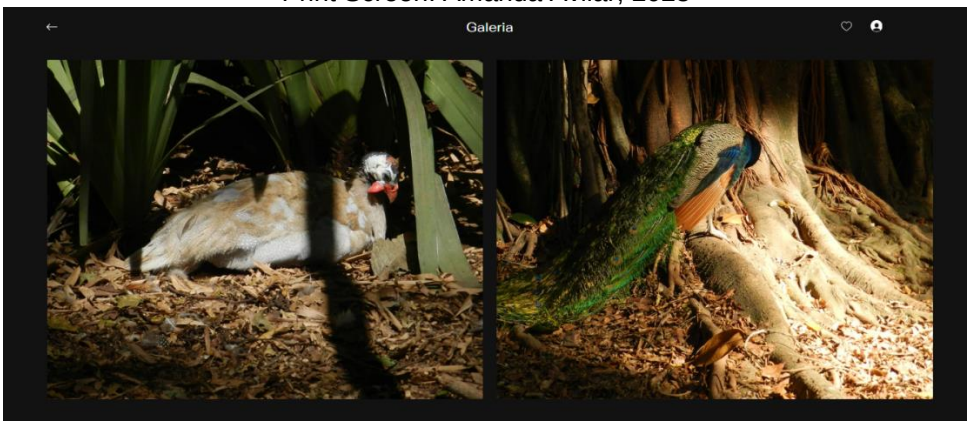
Print Screen: Amanda Avilar, 2023



Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site

Figura 28

Print Screen: Amanda Avilar, 2023



Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site

Figura 29

Print Screen: Amanda Avilar, 2023



Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site

Figura 30

Print Screen: Amanda Avilar, 2023



Fonte: https://amandaavilar.wixsite.com/my-site

CONCLUSÃO

As perguntas ainda assombram e é impossível responder o que tem de especial nesses múltiplos caminhos de quase certezas que é a subjetividade.

O projeto propõe uma maneira de se mover através de perguntas a fim de criar um breve momento de reflexão e atenção aos meus registros capturados nesses últimos anos, embora não tenham sido feitos com a intenção de conquistar observadores.

Não acredito que seja uma produção com muito a dizer e isso não é um problema, pois ainda assim a arte nos toca de tantas maneiras que permite que meu trabalho com pouco tempo de vida se espalhe e cause seu ruído.

Ainda que numa tentativa falha de distanciamento e de resposta a perguntas que considero pessoais, meus resquícios autobiográficos são encontrados no modo como capturo e coleciono os registros com curiosidade e afeto combinados com explorações durante a formação acadêmica e referências artísticas que certamente me motivam e somam ao meu trabalho.

Assim, “O que tem de especial?” conta histórias sobre o mundo no qual vivo e no qual crio, formando registros reais e fictícios através da minha lente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Geraldo, GROSSI, Antonio Saraiva, BORÉM, Aluízio – **Crisântemo: do plantio à colheita.** Viçosa, MG: UFV, CEAD, 2019. Disponível em:<https://serieconhecimento.cead.ufv.br/wp-content/uploads/2019/09/crisantemo-cead.pdf > Acesso em: 23/07/2023

CHIANG, Ted – **Expiração. O Grande Silêncio.** Editora Intrínseca, 2021

COSTA, Ana Angélica – **O experimento-pinhole.** Concinnitas ano 9, volume 2, número 13, 2008. Disponível em: < file:///C:/Users/Amanda/Downloads/55492-190566-1-PB.pdf> Acesso em: 24/07/2023

Equipe educativa do Museu Biológico do Instituto Butantan – **Livreto de Atividades do Museu Biológico**, 2021. Disponível em:<https://butantan.gov.br/assets/arquivos/Atracoes/museu_biologico/materiais_educativos/livretos_de_atividades/Borboletas%20e%20mariposas.pdf> Acesso em: 23/07/2023

FARACHE, Ana Elyzabeth de Araújo – **Fotografia e contemplação: amorosidade no olhar do contemporâneo**, 2013

FREIRE, C **- O presente-ausente da arte nos anos 70**. - Anos 70: Tragetórias. São Paulo. Iluminuras, 2005. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/1963GEACC/textos/014.pdf> Acesso em 15/06/2023

KLEON, Austin – **Roube como um artista**. Editora Rocco Ltda, 2012

Priberam dicionário – **Observar**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/Observar > Acesso em 13/10/2023

Priberam dicionário – **Olhar.** Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/Olhar> Acesso em 13/10/2023

ROZZO, Fernando – **Velocidade do Obturador na Fotografia**, 2015. Disponível em: <https://blog.emania.com.br/velocidade-obturador-foto/> Acesso em: 06/08/2023

SESI-SP Editora **- henri cartier bresson: fotografar é 'colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração',** 2021. Disponível em:<https://www.sesispeditora.com.br/henri-cartier-bresson-fotografar-e-colocar-na-mesma-linha-de-mira-a-cabeca-o-olho-e-o-coracao/#:~:text=%C3%89%20colocar%20na%20mesma%20linha,todos%20os%20profissionais%20desta%20%C3%A1rea>. Acesso em: 15/08/2023

SILVA, Daniel – **O desapego da fotografia nas redes sociais: um estudo sobre a efemeridade fotográfica no Instagram**, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br > Acesso em: 09/09/2023

SILVA, Raienne Pereira - **Cianotipia: técnica e produção em tecido**, 2020. Disponível em:<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32171/1/2020_RaiennePereiraDaSilva_tcc.pdf> Acesso em: 24/07/2023

TUFVESSON, Lilian – **Vivian Maier: Autorretratos de rua como vestígios autobiográficos**, 2018. Disponível em: <https://entremeios.com.puc-rio.br > Acesso em: 30/05/2023

WILLIAMS, Richard. – **Manual de animação: manual de métodos, princípios e fórmulas para animadores clássicos, de computador, de jogos, de stop motion e de internet**. Editora Senac São Paulo 1ª edição, 2016